



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 7, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 7 - FORMAÇÃO DE PROFESSORES. MEMÓRIA E NARRATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.07.14>

Recebido em: **07/08/2020**

Aprovado em: **10/08/2020**

Observação em Matemática: Práticas de Estágio Supervisionado; Observation in Mathematics: Supervised Internship; Prácticas Observación en Matemáticas: Prácticas de pasantía supervisadas

DILTON FEITOSA MORAIS

<http://orcid.org/0000-0001-9830-0113>

VIRGINIA SANTOS DE JESUS

[0000-0002-4863-2811](http://orcid.org/0000-0002-4863-2811)

CRISTINA RAMIRO DOS SANTOS

<https://orcid.org/0000-0003-2383-5951>

RESUMO

A educação matemática é um ramo das ciências humanas que explora fenômenos da sala de aula e da prática de pesquisa. Portanto, poder estar presente neste ambiente e identificar os desafios que ocorrem diariamente na vida dos professores é de vital importância para o amadurecimento da vida acadêmica e profissional dos estudantes que são exigidos pela disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino de Matemática I. Desse modo, o artigo apresenta uma análise sobre as práticas pedagógicas e o processo de ensino-aprendizagem em Matemática, através de observações feitas numa escola estadual em São Cristóvão/SE. Tal prática aconteceu em duas turmas, uma do Ensino Fundamental, 9º A, e outra do Ensino Médio, 1ºA. Por fim, constatou-se turmas que são reflexos de seus professores, devido as posturas, comportamentos e processos de ensino-aprendizagem adotados.

Palavras chave: Educação Matemática, Estágio Supervisionado no Ensino de Matemática I, Ensino-aprendizagem, Práticas Pedagógicas,

ABSTRACT

Mathematical education is a branch of the humanities that explores phenomena in the classroom and research practice. Therefore, being able to be present in this environment and identify the challenges that occur daily in the lives of teachers is of vital importance for the maturing of the academic and professional life of students who are required by the subject of Supervised Internship in Mathematics Teaching I. Thus, this article presents an analysis of pedagogical practices and the teaching-learning process in Mathematics, through observations made at a state

school in São Cristóvão / SE. This practice took place in two classes, one in Elementary School, 9th A, and another in High School, 1stA. Finally, it was found that classes are reflections of their teachers, due to the postures, behaviors and teaching-learning processes adopted.

Keywords: Mathematical Education, Supervised Internship in Mathematics Teaching I, Teaching-learning, Pedagogical Practices.

RESUMEN

La educación matemática es una rama de las humanidades que explora los fenómenos en el aula y la práctica de la investigación. Por lo tanto, poder estar presente en este entorno e identificar los desafíos que ocurren diariamente en la vida de los maestros es de vital importancia para la maduración de la vida académica y profesional de los estudiantes que requieren la asignatura de Pasantía supervisada en la enseñanza de las matemáticas I. Por lo tanto, este artículo presenta un análisis de las prácticas pedagógicas y el proceso de enseñanza-aprendizaje en Matemáticas, mediante observaciones realizadas en una escuela estatal en São Cristóvão / SE. Esta práctica se llevó a cabo en dos clases, una de la Escuela Primaria, 9º A, y la otra de la Escuela Secundaria, 1º A. Finalmente, se encontró que las clases son reflejos de sus maestros, debido a las posturas, comportamientos y procesos de enseñanza-aprendizaje adoptados.

Palabras clave: Educación Matemática, Prácticas Supervisadas en la Enseñanza de las Matemáticas I, Enseñanza-aprendizaje, Prácticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

O presente artigo foi desenvolvido com base nas observações feitas na disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino de Matemática I, realizada numa escola estadual situada em São Cristóvão/SE. Este trabalho mostrará as impressões dos estagiários sobre o ambiente escolar, bem como retratar de maneira objetiva o planejamento, a regência e a metodologia adotada pelos professores da instituição citada, nas aulas de Matemática durante o período de observação.

O estágio é um momento de aprendizagem que permite ao aluno ter contato com o ambiente no qual trabalhará. De acordo com a lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008 “O estágio visa ao aprendizado de competências próprias da atividade profissional e à contextualização curricular, objetivando o desenvolvimento do educando para a vida cidadã e para o trabalho” (Brasil,2008, p.2).

Entre os estágios desenvolvidos na graduação, o Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática I é o responsável pela observação. De acordo com (Etcheverria e Felicetti, 2016)

“O estágio supervisionado é uma oportunidade que os alunos tem de observar o espaço escolar com o olhar de professor, relacionar as metodologias estudadas com as que foram utilizadas durante o período de observação e dessa forma, adquirir conhecimentos que os auxiliem a ser bons profissionais, possibilitando desenvolver competências e habilidades necessárias ao seu ofício.”

Portanto, este estágio é um convite ao estagiário de relacionar as teorias estudadas durante a graduação com as metodologias observadas, ao tentar fazer essa relação, os alunos poderão perceber que teoria e prática não estão sincronizadas.

Segundo (Rodrigues et al.2002, p.1013 *apud* Fiorentini 2006) “esse é um problema presente na formação de professores desde a década de 70”. Esse descompasso, “resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas” (Pimenta e Lima, 2004 *apud* Rodrigues,2013, p.1013), pois faz com que os graduandos apresentem dificuldades de adaptar e contextualizar, o que é visto nas disciplinas teóricas da matemática pura na universidade, às séries do ensino básico.

Por outro lado, essas disciplinas contribuem na formação dos futuros professores, porque “são elas que fundamentam e formulam a fala, os argumentos e a capacidade de resposta do professor” (Souza e Ferreira,2018, p.131).

Portanto, o propósito deste estágio é o graduando “ao refletir sobre o fazer do outro, possa apropriar-se dessa atitude e, refletir sobre o seu fazer docente para transformá-lo” (Etcheverria e Felicetti,2016, p.45). Isto é, ter um olhar crítico sobre como deverá ser sua prática enquanto docente, para compreender os problemas e desafios de uma sala de aula buscando soluções para lidar com essas situações e assim desenvolver um trabalho que atenda às necessidades dos seus alunos.

Aspectos Teóricos e Metodológicos

Neste tópico, apresentaremos um resumo de três textos destacando o entendimento dos autores sobre conceitos e concepções de estágio, estágio supervisionado em matemática, prática de ensino e educação matemática. Além disso, será feito um relato das aulas, caracterizando em linhas gerais as turmas observadas, a escola na qual foi realizada a observação, bem como a formação dos professores de matemática e as metodologias utilizadas.

O primeiro texto tem como objetivo “apresentar um relato de experiência desenvolvida na disciplina

de Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática I do Curso de Licenciatura em Matemática, do Campus Professor Alberto Carvalho da Universidade Federal de Sergipe (UFS) Brasil”. (Etcheverria e Felicetti,2016, p.44).

As autoras veem o “estágio como uma situação de aprendizagem e como tal deve promover, mudanças.” (Etcheverria e Felicetti,2016, p.45). Pois com ele, o graduando pode ter um olhar crítico sobre como deverá ser sua prática docente, para não repetir os mesmos procedimentos utilizados pelos professores durante a observação, que por ventura não atenda às necessidades dos alunos. E mais, “o estágio é um processo de aprendizagem indispensável a um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios de uma carreira” (Etcheverria e Felicetti,2016, p.47).

Destacam-se ainda que a “disciplina de Estágio Supervisionado em Ensino de Matemática I é responsável pela primeira experiência de estágio de nossos acadêmicos e tem como atividade principal a observação do espaço escolar e de aulas de Matemática” (Etcheverria e Felicetti,2016, p.46). Neste estágio, os graduandos se deparam com a realidade da profissão escolhida e muitas vezes se surpreendem com o que observam, justamente por ser o primeiro contato com a sala de aula.

Já sobre prática de ensino, os autores defendem que é necessária uma formação que associe a teoria e prática através de discussões fazendo os discentes refletirem em como deve ser a sua prática. Tendo em vista que, “a prática deve ser intencional, social, coletiva e representar sua realização efetiva como trabalho humano” (Etcheverria e Felicetti,2016, p.47). Além disso, a prática é mais uma fonte de aprendizado, pois de certa forma, faz os graduandos revisitar seus tempos de aluno e associar o que era feito pelos seus professores com o seu trabalho.

No segundo artigo o autor entende estágio como um “momento de formação e preparação profissional junto a uma unidade de ensino” (Rodrigues, 2013, p.101). Além disso, “os estágios de cursos de formação de professores compete possibilitar que os futuros docentes compreendam a complexidade das práticas institucionais e das ações exercidas pelos profissionais como alternativa no preparo para sua inserção profissional” (Pimenta e Lima, 2004 *apud* Rodrigues, 2013, p.103).

Sobre o Estágio Curricular Supervisionado de Ensino o autor destaca que “é um componente curricular obrigatório integrado a proposta pedagógica sob a supervisão de um profissional já habilitado” (Rodrigues, 2013, p.101). Com este estágio, o graduando tem a oportunidade de compreender atividades como o planejamento de aulas e a elaboração de projetos didáticos.

De acordo com (Rodrigues, 2013, p.102) “prática de ensino representa uma parte importantíssima na formação inicial de professores, onde os graduandos têm uma aprendizagem profissional significativa”. Entretanto, esta não é capaz de “mudar concepções prévias dos alunos, futuros professores, sobre ensino-aprendizagem e muito menos as suas práticas pedagógicas” (Wideen et al, 1998 *apud* Rodrigues, 2013, p.103), pois ocupa um espaço pequeno nos currículos, tendo em vista que aparecem no final dos cursos de graduação (Diniz Pereira, 2007 *apud* Rodrigues, 2013, p.103).

O terceiro texto aborda sobre “a reflexão e debate centrados nas experiências oriundas da disciplina de Estágio Supervisionado II” (Souza e Ferreira, 2018). Os autores enxergam o estágio como campo de pesquisa, pois “é uma forma de explicitar e incentivar autonomia profissional e intelectual que tem como principal relevância a criação de um ambiente no qual a ação pedagógica está permanentemente sendo discutida em coletivo” (Lima, 2008, *apud* Souza e Ferreira, 2018, p.130).

Deste modo, admite-se a possibilidade de pensar a sala de aula como um campo, isto é, como um espaço de interação social, onde os componentes inseridos neste ambiente agem a partir de regras e comportamentos comuns. Pode-se ainda compreender o campo de pesquisa: o ambiente escolar, seus alunos, professores e corpo de colaboradores, como reflexo das diversas mudanças estruturais que envolvem a sociedade escolar.

Uma das funções do Estágio Supervisionado em Matemática é “dar condições para que o graduando

seja capaz de, por si próprio, enxergar essa realidade, desenvolver um pensamento crítico sobre ela e se comprometer a mudar e potencializar o que for necessário” (Souza e Ferreira, 2018, p.138).

Contudo, a prática de estágio para a habilitação em Licenciatura em Matemática possibilita que se amplie as concepções didáticas que fazem a ponte entre teoria e prática do ensino, pois o ambiente escolar nos proporciona um campo de reflexão e um alinhamento na execução do trabalho, já que abrange uma multiplicidade de demandas laborativas.

Sobre a prática de ensino os autores entendem que esta deve ser reflexiva, onde o profissional pode examinar a própria prática pedagógica podendo assim, encontrar maneiras com as quais possam enfrentar os problemas e desafios da sala de aula (Rodrigues, 2018, p.129-130).

Acerca das tendências metodológicas no campo da Educação Matemática, SILVEIRA e MIOLA (2008) apresentam seis correntes importantes, a saber: Resolução de Problemas, Modelagem Matemática, Etnomatemática, História da Matemática, Tecnologias da Informação e Comunicação e Jogos na Educação Matemática.

A Educação Matemática surgiu com o propósito de dirimir as dificuldades provenientes de métodos de ensino ultrapassados. O horizonte dessa metodologia é voltado para um ensino palpável da matemática, alicerçado em práticas que favorecem e viabilizam o aprendizado do estudante, com bases nas teorias da aprendizagem, no conhecimento multicultural e na interdisciplinaridade.

Porém, ONUCHIC et al. (2014) defendem o uso da metodologia de ensino-aprendizagem-avaliação de matemática através da Resolução de Problemas como a principal técnica de ensino.

Para tornar prática a aplicabilidade da Metodologia Ensino-Aprendizagem-Avaliação em Matemática através da Resolução de Problemas, ONUCHIC et al. (2014), após uma série de experimentos e atualizações, criaram um roteiro contendo uma sequência de atividades:

1. **Proposição do problema** – Seleciona ou elabora um problema e denomina-se de problema gerador.
2. **Leitura individual** – Distribuir uma cópia impressa do problema para cada aluno e solicitar a leitura do mesmo.
3. **Leitura em conjunto** – Distribuir a turma em pequenos grupos e, solicitar uma nova leitura do problema.
4. **Resolução do problema** – A partir do momento em que o aluno entendeu o problema tenta a resolver, em grupo, permitindo assim a construção do conhecimento sobre o conteúdo que o professor planejou para aquela aula.
5. **Observar e incentivar** – Nesse momento, o professor muda de comunicador do conhecimento para o de observador, organizador, consultor, mediador, interventor, controlador, incentivador da aprendizagem.
6. **Registro das resoluções na lousa** – Anotar os resultados obtidos pelos grupos quer sejam certo ou errado e aqueles feitos por diferentes caminhos.
7. **Plenária** – Assembleia com todos os alunos. Como todos trabalham sobre o problema dado, estão ansiosos quanto a seus resultados, dessa forma, participam.
8. **Busca do consenso** – Após as discussões, e sanadas as dúvidas, o professor juntamente com os alunos tentam chegar a um consenso.

9. **Formalização do conteúdo** – Faz-se uma síntese daquilo que se objetivava “aprender” a partir do problema gerador. São colocadas as devidas definições, identificando propriedades, fazendo demonstrações, etc.

10. **Proposição e resolução de novos problemas** – Nesta etapa, após a formalização do conteúdo, propõem-se novos problemas para a fixação de aprendizagem.

(ONUChic et al., 2014, p.44-46, apud GUERRA E SILVA, 2017, p. 43).

Porém, a atenção e o cuidado no momento de planejamento e de execução das aulas podem abarcar todas as metodologias, sem priorizar uma ou outra, visto que todas têm em sua essência o poder de ensinar de forma atrativa e dinâmica. No entanto, trata-se do ofício do magistério priorizar o uso de materiais bem estruturados, que proporcione a progressão coerente dos conteúdos com devida contextualização.

Aspectos empíricos quanto ao campo de estágio

A Escola Estadual está localizada na Zona Urbana da Cidade de São Cristóvão/SE, no Bairro Jardim Rosa Elze. Esta escola possui aproximadamente 70 colaboradores e oferece ensino público para um quantitativo maior que 1000 alunos, onde estes são distribuídos no Ensino Fundamental (anos iniciais e finais), Ensino Médio, Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial. A instituição de ensino conta com uma estrutura mediana, pois suas salas de aulas são pouco iluminadas e ventiladas, há também, sala dos professores, sala da direção, biblioteca e laboratório de informática.

A observação foi realizada em uma turma do Ensino Fundamental dos anos finais, o 9º A, e uma turma do Ensino Médio, o 1º A, e cada uma das turmas tinha seu respectivo professor.

• Observação na turma do ensino fundamental- 9ºA

A observação nesta turma ocorreu durante duas semanas (quatro dias). Em cada dia, o professor ministrava duas aulas na referida turma. As aulas eram nos dias de terça e quinta, nos dois primeiros horários (7h:00min às 8h:40min).

O professor do 9ºA é formado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Sergipe-UFS, tem especialização em Ensino de Matemática pela Universidade Tiradentes e Mestrado Profissional pelo PROFMAT (UFS).

No primeiro dia de estágio, a escola foi aberta para a entrada dos alunos só depois das 7h:00min. Nos dirigimos a sala de aula e fomos recebidos pelo professor titular da turma, que não nos apresentou formalmente a turma. Na primeira semana de estágio, percebemos que a escola só começava a funcionar depois de 7h:20min, pois era o mesmo horário em que os professores chegavam. Durante a observação, pudemos destacar que a metodologia utilizada nas aulas era a tradicional.

A metodologia tradicional de ensino é pautada no princípio em que o professor é o emissor dos assuntos relativos a matéria e os alunos, os receptores. Na sala de aula, o conteúdo é transmitido do educador para os aprendizes, que têm a função de compreender e guardar o que foi ensinado. Além disso, o progresso do conteúdo compreendido pelos estudantes se dá por meio de avaliações e/ou trabalhos que valem nota. Sabe-se que esse tipo de metodologia representa o professor como autoridade máxima dentro da sala de aula perante seus alunos e interfere na relação que existe entre eles, visto que se limita ao modelo em que uma das partes ensina e a outra aprende.

Sobre a turma, os alunos eram organizados enfileirados e a maioria deles já estavam na sala quando o professor chegava. Boa parte dos estudantes demonstrava interesse nas aulas e tinha uma participação ativa no tocante a prestar atenção e perguntar sempre que não entendia a explicação do professor.

O professor apresentou domínio dos conteúdos ministrados durante o período de observação. Iniciava a aula fazendo a chamada dos estudantes e em seguida, começava o conteúdo com uma definição, depois apresentava um exemplo com os respectivos cálculos no quadro e perguntava aos alunos se estes tinham alguma dúvida.

A maioria dos alunos, aparentava entender o que estava sendo explicado pelo professor, quando isso não acontecia, alguns estudantes pediam que o professor explicasse novamente. Assim que terminada a explicação, dava um tempo para que os estudantes escrevessem o conteúdo do quadro e em seguida, deixava alguns exercícios para que os discentes resolvessem, se colocava a disposição para tirar dúvidas e, posteriormente, dava visto no caderno ao final da aula.

O docente costumava demonstrar algumas fórmulas conhecidas e utilizadas pelos estudantes em determinados conteúdos, em umas das aulas mostrou como se encontrava a fórmula para calcular o apótema. Embora diversos problemas tenham sido encontrados, uma vez que a turma era numerosa e acarretava na dificuldade de o professor realizar uma forma mais personalizada de ensino que fosse de acordo com as necessidades de cada um dos alunos. Durante a demonstração do assunto, boa parte dos alunos não compreendia os cálculos apresentados pelo professor. Mas esse professor julgava importante mostrá-los para que os discentes pudessem ter uma ideia mínima de como se chegar na fórmula desejada.

Além disso, durante a resolução dos exemplos sempre que surgia cálculos envolvendo operações básicas, o professor chamava a atenção dos alunos e lhes mostrava maneiras diferentes de encontrar a mesma solução. Vale ressaltar que as definições explicadas na aula não eram escritas no quadro, o professor apresentava-lhes oralmente. Contudo, não foi visto nenhum movimento por parte dos estudantes para anotar essas definições. Portanto, ficou claro que para aproximá-los dos assuntos, um dos caminhos a ser percorrido seria relacionar com algo que eles se identificassem.

Outro fator que nos chamou atenção, foi não ter visto a presença do livro didático em nenhuma das aulas. Quando perguntado, o professor afirmou utilizar o livro apenas para planejar as aulas.

A importância do livro didático como instrumento de ensino se deve ao fato de ele ser um facilitador no processo de aprendizagem e no desenvolvimento do aluno. Ele representa um norteador para o professor, contribuindo para a formação das estratégias de ensino. Desse modo, o livro didático é um aliado importante, pois auxilia o educador, na medida em que ele propicia um sequenciamento para o processo de ensino-aprendizagem. Além disso, esse material representa uma fonte confiável de consulta, estudo e consolidação dos conteúdos para os alunos.

Na segunda semana de observação, o professor terminou o conteúdo para a unidade, e comentou que não faria avaliação tradicional, pois optou por aplicar atividades nas aulas seguintes, onde os discentes poderiam consultar o caderno e fazer a atividade em dupla.

Entretanto, os alunos que apresentavam destaque na disciplina, realizariam tal atividade individualmente para que nenhum colega que necessitasse de pontos pudesse se aproveitar do esforço do colega.

Na última aula, os alunos fizeram um simulado do Aprova Brasil Matemática. Ao observar as questões do simulado, percebemos que todas elas eram contextualizadas e quase sempre eram relacionadas com algo do cotidiano. Durante a aplicação, percebemos que alguns alunos faziam rápido para terminar logo, mas tinham aqueles alunos que liam com atenção e resolviam todas as questões com calma, tinha também um aluno que tirava algumas dúvidas sobre determinadas informações das questões para ter certeza que seu raciocínio estava correto.

• **Observação na Turma do Ensino Médio- 1ªA**

A observação nesta turma ocorreu durante duas semanas (seis dias). Em cada dia, a professora

ministrava uma aula na referida turma. As aulas eram nos dias de segunda, terça e quarta, no quarto, terceiro e quarto horário respectivamente (9h:50min às 10h:40min, 8h:40min às 9h:30min e 9h:50min às 10h:40min).

A professora do 1º B é formada em Licenciatura em Matemática e tem especialização em Ciências da Natureza e suas Tecnologias.

No primeiro dia de estágio, a professora chegou na sala com um certo atraso. Quando finalmente chegou, esta não nos apresentou a turma, os alunos souberam que éramos estagiários porque havíamos conversado rapidamente com alguns antes da mesma entrar na sala de aula. Ao fazer a chamada, percebeu que a maioria dos alunos não estavam presentes, pois alguns estudantes haviam ido embora. Diante dessa situação, a professora não demonstrou preocupação, mas sim um certo alívio de acordo com a observação feita pela mesma na aula, por não ter alunos sem interesse de estudar presentes.

Durante as semanas de estágio, observamos que a professora utilizava o método tradicional em suas aulas. Sobre a turma, os alunos também eram organizados enfileirados e a maioria dos alunos entravam na sala de aula alguns minutos depois da professora. Os estudantes eram apáticos, não demonstravam muito interesse na matéria, e durante a aula os mesmos conversavam muito, utilizavam celular, fone de ouvido, não copiavam o conteúdo do quadro, alguns estudantes tiravam fotos do quadro, não sentavam nas cadeiras direcionado ao quadro, mas sim de lado e saiam da sala com muita frequência. Isso fazia a professora, constantemente, chamar a atenção deles durante a aula.

Nesse sentido, Moran (2007) considera que aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente. Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal – intelectual e emocional - não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente.

Logo, o tempo de aula não era bem aproveitado. Estuda-se na disciplina de estágio o quanto é importante um bom planejamento de aula, pois viabiliza a maximização do fator tempo em sala de aula, mas sabe-se que para isso são necessárias algumas medidas de execução no ritmo adequado, com início, meio e fim. Planejamento é sinônimo de disciplina e de organização.

A professora, apresentou domínio dos conteúdos ministrados. Esta costumava iniciar a aula, com um exemplo ou definições a depender se a aula era continuidade de um assunto ou tratava-se de conteúdo novo. Pelo tempo de aula e comportamento dos alunos, a professora não costuma passar mais que dois exercícios por aula. Além disso, poucos estudantes tentavam resolver tais exercícios e eram estes que procuravam a professora para tirar dúvidas.

No entanto, vale ressaltar que Demo (1993) considera que é preciso perceber que, modernamente, o professor que apenas ensina será substituído pelas instrumentações eletrônicas, muito mais eficientes na reprodução. O professor continuará insubstituível como formulador, organizador, revisor, atualizador dos conteúdos a serem socializados, o que exige atitude de sujeito crítico e criativo. “[...] o professor que apenas ensina vai tornando-se sucata” (DEMO, 1993, p. 155).

É importante destacar ainda, que a docente não utilizou livro didático em nenhuma das aulas observadas. Quando questionada, afirmou que não tinha livro didático, pois a escola não recebeu livros suficientes para todos os professores. Para planejar suas aulas, ela costumava ver os tópicos no livro de uma colega de trabalho e complementava com pesquisas na internet.

A mestre, não demonstrou incômodo por não ter essa importante ferramenta de trabalho, pois segundo ela já lecionava a mais de 20 anos e tinha todos os conteúdos memorizados. Além do mais, a turma era “fraquinha” e não exigia aulas muito elaboradas. Por isso, julgava que as pesquisas feitas para organizar as aulas aliada ao que ela sabia eram suficientes.

Análise da Observação

De acordo com Etcheverria e Felicetti (2016), “o Estágio de Ensino em Matemática I, proporciona aos estagiários um revisitar de suas memórias enquanto alunos do ensino básico e os fazem ter um olhar crítico e reflexivo ao que foi vivenciado durante a observação”. O estágio nos proporcionou essa experiência, pois ao observar as duas turmas, ficamos surpresos com a detecção do comportamento das mesmas, visto que a turma do Ensino Fundamental tinha uma noção de maturidade, foco e bom comportamento amplamente superior a turma do Ensino Médio.

Esperávamos da turma do Ensino Fundamental, alunos agitados, desatentos em relação a explicação do conteúdo e difícil de se manter em silêncio. Para nossa surpresa, esse foi o comportamento encontrado na turma do Ensino Médio. A turma do Ensino Fundamental quando comparada com a do médio, era bem mais tranquila, permaneciam em ordem, pois a maioria dos alunos prestavam atenção e tinha um respeito pelo professor.

Além disso, nos chamou atenção também, o pouco respeito que os alunos do Ensino Médio apresentaram pela professora durante a explicação do conteúdo. Com isso, percebemos uma diferença de comportamento e respeito em relação ao professor, ao compararmos a época em que éramos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Nas duas turmas observadas, a única metodologia utilizada pelos professores foi a tradicional. Segundo Santos (2016), “não existe uma única maneira de ensinar matemática, assim como nenhuma metodologia é mais importante que a outra. Entretanto, é importante que o professor tenha conhecimento sobre diferentes metodologias, para que possa ter mais possibilidades de trabalho.”

Embora, o relacionamento do professor com a aprendizagem mecânica seja oriundo de sua formação acadêmica, necessita-se buscar meios educacionais alternativos, baseados no raciocínio interativo, no estímulo à investigação e na estruturação desse pensamento gradativo, por meio do raciocínio recursivo, sistemático, onde o estudante compreende a pensar por meio de lógica matemática mais do que a reproduzir fórmulas.

Para isso, é necessário criar mecanismos visando sensibilizar o professor da importância de se discutir a prática pedagógica, pois, a falta de uma maior reflexão sobre essa questão, como já foi mencionado, faz o professor permanecer na sua postura tradicional com uma atuação totalmente acrítica e reprodutiva.

Ter o domínio de metodologias diferentes, não é suficiente para despertar o interesse dos alunos pela disciplina. Nesse sentido, Silva, Cruz e Alves (2018) destacam que é necessário que os discentes vejam sentido no que está sendo estudado. Para isso, além de adotar metodologias diferentes, o professor deve relacionar o conteúdo matemático com o cotidiano, estimular a interação entre os discentes, de modo que, os façam perceber o sentido e utilidade do conteúdo no seu dia-a-dia e assim, tenham prazer em aprender.

Além disso, o conhecimento matemático também é capaz de estruturar nossas funções cognitivas de modo que o raciocínio fique mais rápido e, com isso, nossa função intelectual melhore em diversas áreas do saber. Entretanto, não é isso o que acontece quando se observa a prática metodológica nas salas de aula. Percebemos que a Matemática ainda tem sido ensinada de forma a valorizar apenas a memorização de fórmulas, algoritmos, sequências de instruções bem definidas que podem ser executadas mecanicamente.

Portanto, recomenda-se que não seja baseado apenas na metodologia fórmula-aplicação ou no emprego de procedimentos mecânicos de resolução para os problemas matemáticos. Pois, deve-se observar propriedades, diferenças e semelhanças entre os problemas. Além disso, percebe-se que durante a resolução de situações-problema, os alunos devem ter condições de investigar, explorar

ideias e procedimentos na tentativa de construção de conceitos matemáticos, além de despertar neles o interesse pelo estudo do conteúdo.

Na turma do Ensino Médio observada, reconhecemos a importância dos conteúdos na formação dos alunos, mas a forma como eram ministrados não davam sentido a turma. Por isso, haviam muitos alunos desatentos. Essa falta de sentido e significado, provoca não só uma falta de interesse pela disciplina, dificulta a aprendizagem dos alunos como também, contribui na reprovação escolar dos mesmos, pois “a situação de sucesso ou fracasso escolar se dá justamente pela vontade ou não do aluno em aprender” (Charlot, 2000 *apud* Silva, Cruz e Alves, 2018, p.7).

No entanto, foi percebido na turma de Ensino Fundamental o quanto é necessário que no planejamento o professor organize “os conteúdos com os quais irá trabalhar em sala, buscando sempre relacionar a Matemática ao Cotidiano; usando os recursos tecnológicos e outros materiais que auxiliem no ensino da Matemática, como réguas, transferidor, compasso, esquadros; bem como trabalhar jogos que envolvam os conteúdos” (Silva, Cruz e Alves, 2018, p.4).

Portanto, percebeu-se que enquanto o professor do 9º Ano fazia relação do conteúdo com o cotidiano e utilizava recursos e metodologias que pudessem auxiliar no entendimento dos estudantes, a professora do 1º Ano não fornecia esses meios de aprendizado, uma vez que os alunos apresentavam dúvidas, e somente era repetido o que havia sido explicado anteriormente.

Neste sentido, Garcia, F e Garcia, D (2016) dizem que “o planejamento não é uma tarefa onde o professor apenas organiza os conteúdos por aulas, é também um momento de avaliar o quanto seus alunos estão aprendendo e refletir sobre sua prática docente.”

CONCLUSÃO

Destaca-se a importância do trabalho desenvolvido na ampliação de visão dos envolvidos, visto que propicia conhecimento, troca de informações e experimentação do ambiente escolar sob a ótica do professor. Contudo, pode-se destacar a necessidade de bastantes leituras para dar embasamento as observações realizadas, uma vez que a professora havia explicado o planejamento para a disciplina.

As leituras e discussões de textos foram muito importantes para compreensão do conceito de estágio e perceber que não é somente prática. A teoria é de grande importância, pois além de proporcionar embasamento teórico nos faz refletir sobre como será a prática de ensino.

Desse modo, o estágio obteve um olhar mais crítico e reflexivo sobre as metodologias utilizadas pelos professores, como as aulas eram planejadas, desenvolvidas, e como os estudantes reagem a elas. Sendo assim, o estágio foi uma experiência muito rica, pois permitiu a vivência da realidade de turmas do ensino básico e ficou claro alguns desafios que teremos de lidar quando estivermos atuando.

Dessa forma, essa experimentação nos admitiu aprender que estágio não é só um momento da graduação em que o graduando vivencia a realidade com a qual poderá trabalhar, mas também uma oportunidade de refletir sua própria prática através do que é observado durante o estágio.

A observação serviu também para evidenciar que aulas fora da padronização expositivas e mecânicas contribuem e muito na aprendizagem dos alunos. Tirar os alunos da zona de conforto e da mesmice despertam a capacidade em aprender determinado assunto, conduzi-los a buscar soluções e apresentar seus raciocínios faz com que sejam ativos e desenvolvam o conhecimento por si só. Com isso, entendemos que vale a pena buscar alternativas de ensino para melhorar a aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.788** de 25 de setembro de 2008.

CARVALHO, Ana Márcia Fernandes Tucci de. **A (Trans) Formação pelo Estágio Supervisionado Obrigatório em um Curso de Licenciatura em Matemática**. Educação Matemática pesquisa, São Paulo, v.15, n.3, pp.630-646, 2013.

DEMO, P. **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis, Vozes, 1993.

ETCHEVERRIA, Teresa Cristina; FELICETTI, Vera Lucia. **Formação do Professor de Matemática: Prática de Ensino no Contexto da Escola**. Revista Formação Docente, v.8, n.1, 2016.

FIorentini, D.; Cristovão, E. M. (Org.). **Histórias e Investigação de/em Aulas de Matemática**. Campinas: Alínea, 2006.

GARCIA, Fernanda Hart; GARCIA, Denis da Silva. **Abordando Diferentes Metodologias do Ensino de Matemática Através de Estratégias Voltadas ao Ensino Fundamental**. Pesquisa e Educação Básica, 2016.

MORAN, J. M. **A educação que desejamos. Modificar a forma de ensinar. A aprendizagem de ser educador. As etapas de aprendizagem a ser docente. Educar o educador**, 2007.

ONUChic, Lourdes de la Rosa; ALLEVATO, Norma Suely Gomes; NOGUTI, Fabiane Cristina Hopner; JUSTULIN, Andresa Maria (Orgs.). **Resolução de Problemas: Teoria e Prática**. 1. ed. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2014.

RODRIGUES, Micaías Andrade. **Quatro Diferentes Visões Sobre o Estágio Supervisionado**. Revista Brasileira de Educação, v.18, n.55, 2013.

SILVA, Thays Rodrigues Santana da; CRUZ, Elvis Santos; ALVES, Larissa Evelyn Santos Silva. **Estágio de Observação e Docência no Ensino Fundamental: Um Relato de Experiência**. Educon, v.12, n.01, p.2-11, 2018.

SILVEIRA, Everaldo; Miola, Rudinei José. **Professor-pesquisador em Educação Matemática**. Ed. IBEX, 2008.

SOUZA, Ivanete dos Santos; FERREIRA, Rodrigo dos Santos. **Algumas Reflexões Sobre a Formação Inicial do Professor de Matemática: Vivências do Estágio Supervisionado**. Ensino de Matemática em Debate, São Paulo, v.5, n.2, p.127-141, 2018.

*Dilton Feitosa Moraes, graduando em Matemática na UFS, diltonfm@gmail.com

**Virginia Santos de Jesus, graduando em Matemática na UFS, santosvirginia56@gmail.com

***Cristina Ramiro dos Santos, graduada em Matemática pela Unit, crymatema@gmail.com